Temas em Saúde
Volume 19, Número 5
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Artigo

METODOLOGIA ATIVA NA FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO: UMA EXPERIÊNCIA COM A APLICAÇÃO DO ARCO DA PROBLEMATIZAÇÃO DE MAGUEREZ

ACTIVE METHODOLOGY IN NURSING EDUCATION: AN EXPERIENCE WITH THE APPLICATION OF THE MAGUEREZ PROBLEM ARC

Elicarlos Marques Nunes[1]
Glenda Agra[2]
Ana Karla Bezerra da Silva Lima[3]
Carlos Bezerra de Lima[4]
Milena Nunes Alves de Sousa[5]

RESUMO - As metodologias ativas surgem como forma de redefinir os personagens, professores e estudantes, inseridos como sujeitos ativos no processo do ensino-aprendizagem. Dessa forma, o presente estudo objetivou analisar a experiência docente com a pedagogia ativa, evidenciando a importância do conhecimento do Arco da Problematização de Maguerez por parte de docentes como forma de sensibilização mediante os estudantes. O relato acontece em dois momentos vividos pelo autor principal, durante o ensino médio e durante a prática profissional. O Arco da

[1] Enfermeiro. Doutor em Ciências da Saúde pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo – FCMSCSP. Professor da Unidade Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cuité, Brasil. Endereço: Rua Nicolau Camilo, 58, centro, Conceição, Paraíba, CEP: 58.970-000. elicarlosnunes@yahoo.com.br;
[2] Enfermeira/Psicóloga. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba. Professora da Unidade Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cuité, Brasil;
[3] Bacharel em Ciências Contábeis. Especialista em Contabilidade Pública. Enfermeira. Especialista e Língua Brasileira de Sinais. Mestranda em Saúde Pública;
[4] Enfermeiro. Especialista em metodologia do Ensino e da Assistência. Doutor em Enfermagem pela UFRJ;
[5] Enfermeira. Doutora em Promoção de Saúde pela Universidade de Franca, São Paulo. Professora Unidade Acadêmica de Medicina das Faculdades Integradas de Patos, Paraíba, Brasil.

Temas em Saúde
Volume 19, Número 5
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Artigo

Problematização de Maguerez se mostra totalmente plausível em sua aplicabilidade, pois partindo da realidade dos estudantes e sendo fortalecido na relação docente e estudante, fazendo com que o mesmo se afirme em ator ativo em seu processo de aprendizagem. Portanto, percebe-se que a estratégia é de grande utilidade na aplicabilidade desse método, principalmente na sensibilização docente para que haja melhor facilitação na realização dos papéis de professor e de estudante.

Palavras-Chave: Educação Baseada em Competência; Aprendizagem; Educador; Estudantes.

ABSTRACT - Active methodologies emerge as a way to redefine the characters, teachers and students, inserted as active subjects in the teaching-learning process. Thus, the present study aimed to analyze the teaching experience with active pedagogy, highlighting the importance of teachers' knowledge of the Arc of Problematization of Maguerez as a way of sensitizing students. The report happens in two moments lived by the main author, during high school and during professional practice. Maguerez's Arc of Problematization is totally plausible in its applicability, as it starts from the students' reality and is strengthened in the teacher-student relationship, making it an active actor in its learning process. Therefore, it is clear that the strategy is very useful in the applicability of this method, especially in the sensitization of teachers so that there is better facilitation in the fulfillment of the roles of teacher and student.

Keywords: Competency Based Education; Learning; Educator; Students.

INTRODUÇÃO

A indagação de qual o maior problema vivenciado na trajetória humana ou quais seriam os maiores problemas enfrentados pela humanidade vai encontrar respostas no âmbito da educação. Em suma, o maior problema, do qual emanam todas as demais inquietudes individuais e até mesmo as sociais, com efeito cascata, parece ser a educação, que a nosso ver, é a maior transformadora do meio em que se vive. Sob esta perspectiva, particularmente no Brasil, nas últimas décadas, o processo educacional vem

Temas em Saúde
Volume 19, Número 5
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

sofrendo alterações constantes e ininterruptas sem, contudo, apresentar uma solução eficaz e definitiva.

No atual contexto social brasileiro, o modelo de educação vigente apresenta diversas vertentes, sendo que cada escola pode eleger para si um determinado método e ou processo de educação condizente com sua realidade. Apesar de, no Brasil, o Ministério da Educação e Cultura – MEC estabelecer parâmetros na busca de uma formação igualitária em todas as unidades federativas, sempre estiveram concorrendo entre si os segmentos, público e o privado na formação humana, embora ambos os segmentos estejam subordinados diretamente ao MEC.

Na realidade, estamos duelando entre uma formação pública, ampla e com garantia de qualidade e a formação privada, expandindo-se rapidamente e facilitando o acesso ao público alvo. Oportuno se faz ressaltar que Minto (2018, p.3) tem mostrado que para se relacionar a questão da "educação superior à luz das configurações público-privadas no âmbito do Plano Nacional de Educação (PNE), é preciso guiar-se pelo movimento real de desenvolvimento dessa educação". O referido autor afirma que, se fala de uma dinâmica histórica e concreta das classes sociais contemporâneas, fundada no antagonismo dos interesses gerais e particulares.

Nesse sentido, "seria inadequado analisar tais configurações como mero deslocamento da chamada fronteira entre as redes de ensino pública/estatal e privada/não estatal, sendo necessário ir além dessa identidade restrita" (FORBES BRASIL, 2014, p. 46). Ressalte-se que, uma nova lógica de organização no ensino superior passa a ser apresentada através da reforma universitária ocorrida em 1968, iniciando-se uma expansão quantitativa nos diversos níveis de ensino, principalmente do superior privado, que nos dias atuais é o maior predomínio quando comparado ao público (MARTINS, 2009).

A partir de tais pressupostos, correlacionando-os com a formação necessária para atender aos anseios daqueles que estão direta ou indiretamente envolvidos com o processo de educação no Brasil, seria interessante analisar quais estudantes os setores públicos e privados estão preparados para receber? Isso implica uma definição de quem são verdadeiramente os estudantes que adentram nesses setores e que realidades de experiências, vivências e conhecimentos prévios esses estudantes trazem consigo para a sala de aulas?

Refletindo acerca dessas indagações, oportuno se faz pontuar que na configuração do processo de aprendizagem estão implícitos os diferentes aspectos biológicos, psicológicos, sociais, culturais e espirituais dos indivíduos nele envolvidos,

Temas em Saúde
Volume 19, Número 5
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

que devem ser observados na dimensão individual e coletiva, extrapolando a questão do espaço físico escolar e envolvendo os extras muros; com destaque para dois componentes importantíssimos: o estudante e o professor. As implicações dessa abordagem vão desenhar um perfil que deve estar adequado à realidade dos indivíduos que compõem o processo ensino-aprendizagem, visando ao exercício de cidadania e atendimento às características do mercado de trabalho.

Tais implicações são enfatizadas nas reflexões de Minto (2014), nas quais afirma que essa expansão em âmbito da educação é, no entanto, apenas uma das dimensões de um processo muito mais complexo. Em outro momento, este mesmo autor corrobora com a temática em questão, ressaltando que "[...] o papel do Estado continua a ser decisivo na política educacional. Mas é um papel movente, que acompanha os conflitos de classe em sua dinâmica concreta na qual, em contextos como o predominante nas últimas duas décadas, sua posição é de estímulo à lógica privatizante" (MINTO, 2018, p. 4).

Fazendo-se uma retrospectiva, especificamente, na história da formação em saúde aqui no Brasil, o processo começa com as primeiras escolas de medicina e desde então houve larga expansão na formação em todas as demais subáreas da saúde. Particularmente, a formação em Enfermagem surge em paralelo com a evolução industrial e se mantém firme na concretização da garantia de mão de obra qualificada para atuar nos serviços de saúde. Isso implica adequação à dinâmica do desenvolvimento social em todos os aspectos, principalmente, no que diz respeito à educação em nível superior.

Para Borochovicius e Tortella (2014, p. 263) a "geração Y é a que está ocupando as cadeiras nas universidades e assim como houve uma transformação no indivíduo, é possível observar a tendência de mudanças também nas escolas, nos currículos e no processo ensino-aprendizagem". Quando se fala em mudanças no campo de educação, advém o ensino em saúde tendo como base as metodologias ativas, como forma de reconstrução nos campos da saúde, partindo na maioria das vezes da realidade vivenciada pelos estudantes em formação, como por exemplo, a aplicação da Metodologia da Problematização com o Arco de Maguerez.

As metodologias ativas sobressaem ao antigo método de ensino tradicional, entre outros fatores, pela compreensão de que os jovens universitários da "geração Y se beneficiam da quantidade e da velocidade da informação com os recursos da internet e desejam interagir com a realidade, representando um desafio" às aulas expositivas

Temas em Saúde
Volume 19, Número 5
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

tradicionais, ainda que apoiadas por recursos audiovisuais (BOROCHOVICIUS; TORTELLA, 2014, p. 263).

Em outros termos, no contexto da educação dos tempos atuais, não há mais como negar-se a abrir as salas de aulas aos novos métodos de ensino, pois na verdade, o professor não é mais e nem pode se conceber como o detentor de todo o conhecimento, com o papel de repassar esse conhecimento aos estudantes. Nas metodologias ativas, os estudantes são sujeitos ativos, (co) responsáveis pela formação; portanto, devem estar inseridos no processo de ensino-aprendizagem. Assim, por meio da Problematização aplicando o Arco da Problematização de Maguerez, a realidade do alunado será apresentada em sala e será discutida pelos presentes. Essa discussão possibilitará a identificação dos pontos críticos e/ou focos específicos nos conteúdos a serem trabalhados nas aulas, para que posteriormente se possa teorizar, fundamentando-os na literatura científica. Juntos, professor e estudantes promoverão uma reconstrução e um fortalecimento dos conhecimentos, elencando hipóteses de soluções e por fim mostrando a aplicabilidade das soluções de hipóteses junto às realidades dos estudantes.

Dessa forma, o presente estudo foi desenvolvido com o objetivo de evidenciar a importância do conhecimento acerca do Arco da Problematização de Maguerez por docentes como forma de sensibilização ao estudante. Compreendendo que todo conhecimento prévio trazido pelo mesmo tem forte potencial para ser lapidado, moldando-o na medida em que se valoriza a participação do sujeito estudante como parte essencial no processo da aprendizagem.

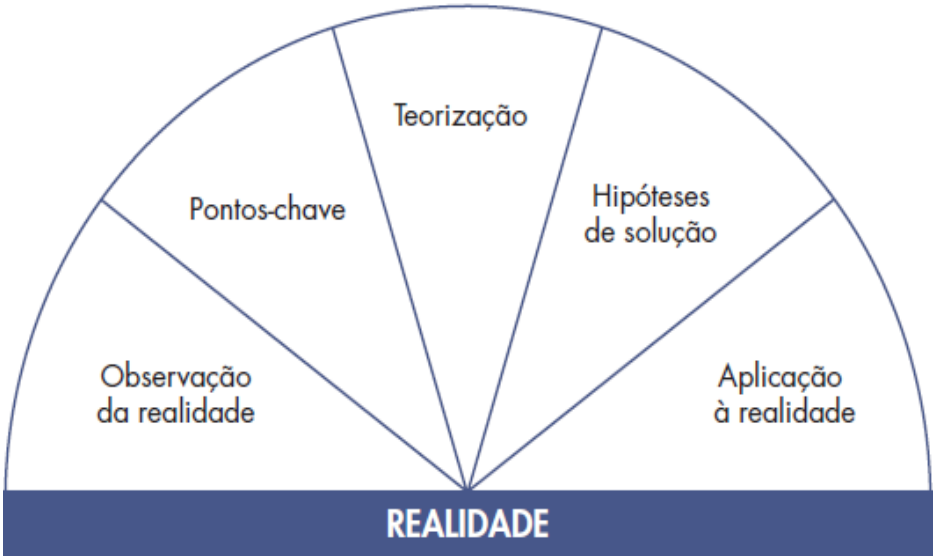
METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência feito pelo professor Elicarlos Marques Nunes, tomando como base suas vivências estudantis e docentes, a partir da aplicação do Arco da Problematização de Maguerez (Figura 1).

Temas em Saúde
Volume 19, Número 5
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Artigo

Figura 1: Arco da Problematização de Maguerez



Fonte: (UNASUS/UFSC, 2017).

Trata-se de uma estratégia pedagógica, que aplica o ensino e promove a aprendizagem, fundada pelo francês Charles Maguerez em 1970, visando à formação de analfabetos originários de países africanos que migravam para a França à procura de trabalho e condições de vida. O objetivo era iniciar aqueles indivíduos à compreensão dos conteúdos específicos do trabalho, da língua e da cultura do novo país, sendo a experiência validada com sucesso. Em 1982, o método foi aperfeiçoado no Brasil por Bordenave e Pereira, ajustando-o à pedagogia de resolução de problemas, estruturada pelo Cardeal Joseph Leo em 1960 e aplicada com grande êxito na caminhada da Igreja Católica Latino Americana como método VER JULGAR e AGIR, sendo também ajustando à pedagogia de Paulo Freire (CASTRO, GONÇALVES, BESSA, 2017).

Este recurso didático fundamenta-se nos princípios da pedagogia ativa, neste caso, uma operacionalização que parte da realidade dos estudantes e volta à realidade, com uma proposta de solução ou transformação, pois são cinco etapas que se dispõem em forma de arco: 1. Observação da realidade social dos estudantes, que têm voz nesta fase; 2. Análise da realidade e Identificação dos problemas (pontos chave), sendo a contribuição de estudantes e professores de fundamental importância; 3. Teorização, na

Temas em Saúde
Volume 19, Número 5
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

qual a contribuição do professor é indispensável; 4. Hipóteses de solução (planejamento de ações com fundamentos voltados para possíveis transformações na referida realidade social) nesta fase a contribuição de estudantes e professores é de fundamental importância; 5. Aplicação (colocação das ações em prática)

Como cenário do estudo, peço permissão para me relacionar em dois momentos, primeiro quando eu era estudante do ensino médio e ao iniciar na docência (em 2014), sempre diante de diversos conteúdos, eu tinha alguma informação que obtinha certa relação, mas, ficava muito escanteado por parte de alguns professores que nunca ou raramente aceitavam meus conhecimentos prévios. Esse fato vai contra um dos princípios filosóficos da Andragogia, a autonomia no sentido que todo cidadão traz consigo certa base de conhecimentos. O segundo momento está inserido no meu dia a dia na contemporaneidade, cujo despertar emergiu a partir do ano de 2016 quando conheci o Arco da Problematização de Maguerez, acordando para sua significância em sala de aula. Enquanto docente percebi que precisava deixar que os estudantes se expressassem, expondo os fatos que acham relevantes ao fortalecimento e apreensão de conteúdos e saberes inerentes aos componentes curriculares a serem ministrados. O fato é que nem toda expressão é tão errada nem é tão certa, sempre tem algo que precisa ser melhorado e adaptado.

Como base metodológica, parto da prática educativa problematizadora iniciada em um ponto central, no caso, nas diversas realidades vividas pelos estudantes. A reflexão possibilita ao estudante a observar a realidade de modo crítico, para que ele possa relacionar essa realidade com a temática curricular que está estudando. Em seguida, ele é estimulado a perceber por si só os aspectos importantes, elencando os pontos chaves para uma teorização, mostrando e fortalecendo cientificamente os conhecimentos prévios. Essa abordagem atende à necessidade de preparar futuros profissionais para o aprendizado contínuo, o aprender a aprender previsto na Lei 9394/96 (LDB), que regulamenta a educação em todos os níveis no território brasileiro. Nela aparecem definições como Conceito Abrangente de Educação, Vinculação da Educação com o mundo do trabalho e com as diferentes práticas sociais (CARNEIRO, 2014).

Tive a honra concedida por Deus de me fixar na disciplina de assistência de Enfermagem em Unidade de Terapia Intensiva (UTI), em que recebo estudantes de diversos níveis sociais e de crenças religiosas distintas, muitos já com formação de técnico em Enfermagem. Desses estudantes, boa parte já atua como funcionários do hospital regional onde acompanho estudantes de Enfermagem na parte dos estágios da

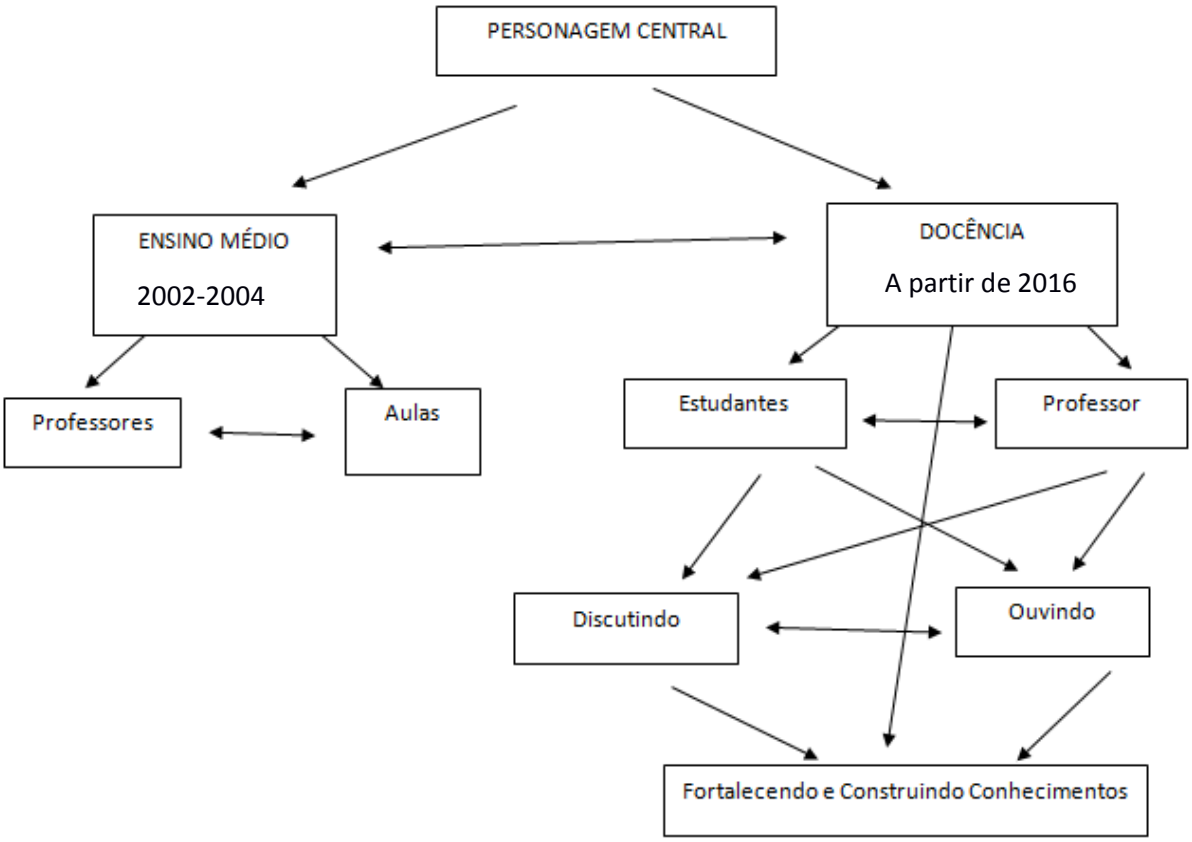
Temas em Saúde
Volume 19, Número 5
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Artigo

referida disciplina, assim, recebo muitos estudantes durante as aulas em que eles trazem consigo uma larga gama de conhecimentos prévios sobre a assistência de Enfermagem em diversos campos de atuação, inclusive na própria UTI.

Do primeiro ponto de explanação, parece até dificultoso lecionar para estudantes que já atuam na área, mas na medida em que se realizam os encontros, percebo que não é, pois, mesmo tendo os estudantes uma base, muitos pilares do conhecimento precisam e são fortalecidos em nossas aulas. Sob essa perspectiva, como percurso metodológico instituo o fluxograma para nortear os passos de discussão deste relato, apresentado na figura 2.

Figura 2: Fluxograma inerente aos passos de discussão deste relato



Fonte: Autoria própria, 2018.

Temas em Saúde
Volume 19, Número 5
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Artigo

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Período Temporal de 2002 a 2004 (O Ensino Médio)

Mesmo tendo nascido em Conceição, Paraíba, onde se tinha o ensino médio, fiz seleção e fui estudar em uma escola Técnica Federal (a ETSC da UFCG) em Cajazeiras, Paraíba, distante 101 km de minha terra natal, eu achava que o ensino médio federal poderia ser muito mais enriquecedor para minha formação, e não errei, lembro que tinha até as disciplinas de informática, sociologia e filosofia, sem falar nas disciplinas tradicionais que sempre existiam. Um grande diferencial na época, contudo, lá éramos treinados para vestibulares, simulados e outros.

Professores e Aulas

Entre tantos professores que tive durante minha passagem pelo ensino médio, alguns marcaram mais, com fatores positivos ou mesmo negativos. Lembro que tinha um professor de biologia que trazia seu livro, sentava ao birô, baixava a cabeça, abria o livro e lia o capítulo inteiro, sem falar que na medida em que lia, balançava tanto os pés que para eu e para meus colegas aquilo era muito cansativo e aquela cena se repetia todas as quintas-feiras. Mas o problema não era só isso, mediante as avaliações do referido professor, o mesmo exigia que transcrevêssemos as respostas tais quais estavam nos parágrafos do livro. Em outras palavras, se quiséssemos ser aprovados, deveríamos decorar cada letra, cada vírgula, cada disposição do trecho nas páginas das bibliografias indicadas. Nossos entendimentos sobre a temática estavam à mercê do esperado. A regra era DECORAR! O que compreendíamos não era nem tão pouco valorizado pelo docente e até o famoso tirar dúvidas não podia existir, ele não dava espaço e nem queria.

Hoje, podemos perceber uma significativa mudança paradigmática, pois a relação professor e estudante:

> Em primeiro lugar, deve ser uma relação humanizada e humanizadora para ambos, o que, [...], exclui o autoritarismo, a arrogância, o pedantismo, o filisteísmo, o cinismo, o sadismo, que impedem qualquer possibilidade de aproximação amigável entre professor e aluno. Em segundo lugar, e consequentemente, deve ser uma relação

Temas em Saúde
Volume 19, Número 5
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

> de acolhimento e respeito recíprocos, a fim de que o vínculo afetivo e pedagógico entre ambos se estabeleça e se consolide, criando uma atmosfera favorável ao ensino e à aprendizagem (Silveira, 2018, p. 107).

Também me recordo da professora de história, em que as aulas tinham mais vida, pois a mesma trazia os conteúdos em forma de versos e músicas, com seu violão, entendíamos entre outras, a pré-história, a história mundial e história a do Brasil, erámos incentivados a também contar os conteúdos e nos momentos das avaliações, dizer com nossas palavras, o que verdadeiramente tínhamos compreendido sobre os temas trabalhados em sala. A impressão que tenho é que nossos pensamentos eram valorizados. No processo ensino-aprendizagem, o que sugestiono hoje, com a didática desta figura ímpar, é que "essa atitude de acolhimento supõe que o professor jamais duvide da capacidade do estudante para aprender aquilo que ele, professor, tem para ensinar" (Silveira, 2018, p. 108).

E, o que o olhar e a vivência com realidades tão distintas me fez querer? Passei a querer muito mais a ser um professor. Um desejo de criança que crescera com esta realidade. Afinal, quando infante achava incrível minhas professoras do antigo ensino primário, hoje ensino fundamental, dominar tantos conteúdos e deixar tantos estudantes literalmente conectados a elas. Quis tornar-me um professor diferente daquele docente de biologia e que fosse ao menos um pouco parecido com a professora de história. Destarte, os meus estudantes deveriam ser ouvidos e está escuta rendesse sementes frutíferas.

Docência

As Pedagogias Ativas promovem mudanças significativas na docência, pois insere um método de aprender e não de ensina. Neste contexto, "a educação é um processo dinâmico e sem terminalidade definida na vida de um indivíduo, envolvendo aspectos múltiplos, desde humanos propriamente ditos (tais como cognição e desenvolvimento de habilidades) a sociais (culturais e políticos)" (MAIA, 2014, p. 567). Nas Pedagogias Ativas, esse processo coloca a relação entre estudante e professor na horizontalidade, como sujeitos ativos no processo Ensino-aprendizagem.

Temas em Saúde
Volume 19, Número 5
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Artigo

Durante meu período de acadêmico em Enfermagem, fui monitor por dois anos de anatomia humana e de semiologia e semiotécnica de Enfermagem, a certeza que queria ser docente na área de Enfermagem passou a preencher meus pensamentos.

Em 2014, após seleção, entrei na atual faculdade na qual leciono a disciplina de Assistência de Enfermagem em Unidade de Tratamento Intensivo (UTI), sendo eu, professor da teoria e da prática do mencionado componente curricular.

Para Michelan e Spiri (2018, p. 397):

> Considerando as características peculiares que permeiam o contexto das Unidades de Terapia Intensiva (UTI) e por essa ser um setor no qual se realiza cuidado específico e complexo, destaca-se que não basta dominar o conhecimento junto à alta tecnologia existente nelas, é necessário deter atenção particular na integralidade do cuidado.

Dessa forma, a disciplina de Assistência de Enfermagem em UTI, conteúdo profissionalizante do curso, contempla o ensinamento de diversos procedimentos técnicos específicos, me deparo com estudantes que trazem consigo conhecimentos da área que embora limitados, mais trazem.

A assistência de enfermagem singulariza como maior fator interferencial no processo saúde doença dos pacientes.

Período Temporal (a partir de 2016)

O Arco da Problematização de Maguerez e o ensino da Enfermagem em UTI

Percebi que mesmo antes de ter conhecido o Arco da Problematização de Maguerez, eu já praticava a pedagogia problematizadora de modo empírico, e após conhecê-lo, vi que ele se pauta nas etapas: observação da realidade, nos pontos-chave, a teorização, as hipóteses de solução e aplicação à realidade. Tratando-se de percurso metodológico que é capaz de "orientar a prática pedagógica de um educador preocupado com o desenvolvimento de seus estudantes e com sua autonomia intelectual, visando o pensamento crítico e criativo, além da preparação para uma atuação política (PRADO et al., 2012. p. 173)".

Sempre que inicia a oferta de conteúdos como, por exemplo, avaliação de paciente crítico, balanço hídrico e a unidade de terapia intensiva propriamente dita,

Temas em Saúde
Volume 19, Número 5
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

sempre o alunado faz colocações altamente pertinentes acerca de tais conteúdos, essas colocações são de certa forma as experiências vividas, ouvidas e ou até imaginárias do estudante, então o que tanto tem concretude? Como fortalecer o entendimento do alunado? De quais formas posso fazer com os estudantes que construam entendimentos acerca dos conteúdos, reconstruindo linhas de pensamentos começando novas ideologias edificadas e fundamentadas no saber.

Professor Discutindo versus Ouvindo e Estudantes Ouvindo versus discutindo

Tendo como base o discurso de Prado et al. (2012, p. 173) em que eles defendem que para Paulo Freire, o "aluno precisa ser o protagonista de seu processo de aprendizagem e ao professor cabe a tarefa de despertar a curiosidade epistemológica".

Recordo que certa vez acompanhando estudantes no campo da UTI, mostrei um paciente X e fiz uma colocação: "- observem o paciente, analisem cuidadosamente". Dei um tempo e depois pedi que eles me dessem uma análise crítica do quadro clínico, físico e patológico do mesmo, envolvendo os cuidados da Enfermagem.

Uma das observações feitas pelos estudantes referiu-se à desidratação do paciente, então aquela era momentaneamente a realidade vivenciada pelos estudantes (1ª etapa do arco da problematização de Maguerez), depois começaram a me mostrar os pontos-chave (2ª etapa): recebendo diversos soros e medicações, os sinais fisiológicos, sondado, porém, sem urina. Comecei a teorizar (3ª etapa) juntamente com eles, até que ponto pode ser a desidratação? A relação entre líquidos infundidos e líquidos perdidos estaria adequada?

Depois levantamos as hipóteses de solução (4ª etapa). Seria interessante nesse momento a instalação da Pressão Venosa Central (PVC) que vocês já viram em sala de aula, para mensurar a volemia do paciente e só assim certificar se a não produção de urina é devido à desidratação ou se é apenas a questão que o próprio paciente está em hipovolemia e todo líquido infundido está apenas repondo as necessidades orgânicas, sem passar a ser excesso, e por isso, estaria reduzida a urina. E por fim, fizemos a aplicação à realidade, com a utilização da Sistematização de Enfermagem, da PVC, dos cuidados de Enfermagem, com análise crítica do Balanço Hídrico.

Para Prado et al. (2012, p. 174) "a fundamentação teórica da metodologia da Problematização tem origem na concepção da educação histórico-crítica, com propósito maior de preparar o estudante/ ser humano na tomada de consciência do seu mundo e atuar intencionalmente para transformá-lo".

Temas em Saúde
Volume 19, Número 5
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Dessa forma, se percebe a importância do Arco da Problematização de Maguerez, como instrumento estratégico no processo do ensino-aprendizagem para o desenvolvimento da Problematização.

Fortalecendo e Construindo conhecimentos

Defendo literalmente que todo conhecimento seja qual for, ou ainda, seja de quem ele vier, é válido, e a academia se destaca como centro transformador. Assim:

> A escola tem um papel importante na formação dos indivíduos, na transmissão do conhecimento e no acesso aos bens culturais, e que esses indivíduos podem contribuir para que essa sociedade possa ser modificada para se tornar justa e igualitária, permitindo, assim, a liberdade individual. (CROCHIK et al. 2014, p. 3)

Portanto, o processo de ensino aprendizagem tem muita relevância, a construção de novos conhecimentos deve ser feita conjuntamente e seu fortalecimento só se efetivará por meio da troca de experiências, da parceria, do diálogo constante e do querer contribuir e ser ajudado, é uma relação de compartilhamento entre professor com estudantes e de estudantes com outros estudantes.

Facilidades e dificuldades encontradas

Com a aplicação da metodologia do arco da problematização de Maguerez aponto como facilidade a sua fácil aplicabilidade mediante qualquer situação problema, a referida metodologia de certa forma nos sensibiliza para a melhoria em nossas práticas docentes, no tocante estudante, é fácil fazer com ele se sinta responsável pelo seu processo de formação, uma vez que ele é o sujeito ativo, e dentro dessa metodologia, ele se sente parte fundamental.

Já como ponto negativo, tem-se o fator de uma vez ou outra, se deparar com o alunado que ainda está muito preso ao ensino tradicional e que espere somente de minha parte uma transmissão de conhecimento, quando na verdade cientificamente está provado que aprendemos muito mais quando estamos envolvidos no processo e contribuindo com o mesmo na busca e construção de informação, do que quando só vamos a uma sala de aula sentar e ficar ouvindo.

Temas em Saúde
Volume 19, Número 5
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Artigo

Nessa trajetória, mesmo sendo a metodologia aqui defendida de fácil adoção, quando se encontra estudantes como citado acima, encontramos certa dificuldade na operacionalização dessa metodologia.

CONCLUSÃO

Apesar das grandes mudanças que ocorreram no contexto social brasileiro das últimas décadas; da instituição da nova Constituição Federal, que define e propõe novos rumos para a educação no Brasil; da promulgação da Lei 9394/96, a LDB, que redefine os papéis do estudante, professor, da sociedade e da instituição de ensino, a educação brasileira continua com muitas fragilidades e recebendo críticas. Em uma dessas críticas vai ser acusada, inclusive, de uma fábrica de analfabetos funcionais, considerando que muitos estudantes egressos das escolas públicas não são capazes de interpretar um texto que acabaram de ler.

Não há como negar, aquele ensino tradicional em que somente o professor é o detentor do conhecimento já não é aceitável. Nós, os professores somos auxiliares no processo de formação de opinião em pleno século XXI, com isso, compreendemos que com o uso e a aplicabilidade do Arco da Problematização de Maguerez, o professor tende a sensibilizar-se perante o processo de ensino-aprendizagem, compreendendo que todo estudante advém de uma realidade local, podendo ou não ser protagonista do seu aprendizado. Afinal, esse personagem traz consigo uma gama de conhecimentos que embora ainda não tenha sido sistematizado corrobora para a problematização por parte do professor/facilitador – um alicerce para lapidar o próprio alunado.

Muitos foram os novos recursos (equipamentos e tecnologias de ponta) que podem ser usados no processo de ensino-aprendizagem, tanto por parte do professor, como por parte do estudante, pois ambos são atores, protagonistas nesse processo. Assim, é de fundamental importância a adoção de novas práticas docentes e em especial, o conhecimento e a prática da pedagogia do Arco da Problematização de Maguerez, como marco orientador na abordagem pedagógica, definindo a relação professor – estudante, uma relação que se estabelece na horizontalidade, envolvendo estudantes e professores como sujeitos ativos neste processo.

A prática da Pedagogia ativa utilizando o Arco da Problematização de Maguerez apresenta garantias de qualidade na formação de futuros cidadãos e trabalhadores, promovendo condições de desconstruir representações sociais sobre a educação

Temas em Saúde
Volume 19, Número 5
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

brasileira e construir novas representações fundamentadas em princípios, conceitos e práticas de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Educação contra a barbárie. In: ADORNO, Theodor Wiesengrund. Educação e emancipação. 4. ed. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra. p. 155-168, dez. 1995.

Arco da Problematização de Maguerez, disponível em: https://unasus2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/6808/mod_resource/content/3/un03/top03p01.html, acessado em: 15 de fev de 2018.

BOROCHOVICIUS, E; TORTELLA, J. C. B. Aprendizagem Baseada em Problemas: um método de ensino-aprendizagem e suas práticas educativas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ**., Rio de Janeiro, v.22, n. 83, p. 263-294, abr./jun. 2014.

CARNEIRO, Moacir Alves. **LDB Fácil**: leitura critico-compreensiva artigo a artigo. 22 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014.

CASTRO, E.; GONÇALVES, J.; BESSA, S. **Aplicação da metodologia de problematização**, 2017. Disponível em educere.brue.com.br/arquivo/pdf2017/24584_11946.pdf

CROCHÍK, J. L;. DIAS, M. Á. L; FRELLER, C. C; et al. Hierarquias escolares: desempenho e popularidade. **Educ. Pesqui**., São Paulo, v. 44, p167-836, mar. 2018.

FORBES BRASIL, **150 bilionários brasileiros.** São Paulo, p. 46-82, ago. 2014.

MAIA, J. A. Metodologias Problematizadoras em Currículos de Graduação Médica. **Revista Brasileira de educação Médica**. Brasília – DF. 38 (4): 566-574; ago. 2014.

Temas em Saúde
Volume 19, Número 5
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2019

Artigo

MICHELAN, V. C. A; SPIRI, W. C. Percepção da humanização dos trabalhadores de enfermagem em terapia intensiva. **Rev Bras Enferm**; Brasília – DF. 71(2):397-404, abr. 2018.

MINTO, L. W. Educação superior no PNE (2014-2024): apontamentos sobre as relações público-privadas. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro. 23. Nov. 2018.

MINTO, L. W. A educação da "miséria": particularidade capitalista e educação superior no Brasil. Outras Expressões: 20. São Paulo, nov. 2014.

NEVES, A. C. Reflexões sobre o ensino superior de contabilidade e a formação do contador. **Revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul**, Rio Grande do Sul, p. 18-29, abr. 2006.

PRADO, M. L; VELHO, M. B; ESPINDOLA, D. S; et al. Relato de Experiência: Arco de Charles Maguerez: refletindo estratégias de metodologia ativa na formação de profissionais de saúde. **Esc Anna Ner**y., Rio de Janeiro; 16 (1):172-177, jan/mar. 2012.

SILVEIRA, R. T. A Relação Professor-Aluno de uma Perspectiva Gramsciana. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 97-114, jan./mar. 2018.